

**MUSEUS E MEMÓRIA
INDÍGENA NO CEARÁ:
uma proposta em construção**

Governo do Estado do Ceará
Governador: Cid Ferreira Gomes

Secretaria da Cultura do Ceará
Secretário: Francisco Auto Filho

Museu do Ceará
Diretora: Cristina Rodrigues Holanda

IMOPEC – Instituto da Memória do Povo Cearense
Presidente: Francisca Malvinier Macêdo

Projeto Gráfico: Valdiano Macedo – Expressão Gráfica
Capa: Acervo Museu Kanindé de Aratuba (foto: João Paulo Vieira Neto)
Arte de Fábio Lopes. William de Brito – Expressão Gráfica
Revisão técnica: Maria Manuelina Duarte Cândido; Cristina Rodrigues Holanda
Revisão da Edição: Cristina Rodrigues Holanda

Realização:

Apoio:



GOVERNO DO
ESTADO DO CEARÁ
Secretaria da Cultura



Alexandre Oliveira Gomes

João Paulo Vieira Neto

MUSEUS E MEMÓRIA INDÍGENA NO CEARÁ: uma proposta em construção

Catálogo na Fonte
Biblioteca Perpétua Socorro Tavares Guimarães
CRB 3- 801

G 612 m Gomes, Alexandre Oliveira

Museu e Memória Indígena no Ceará: uma proposta em construção./ Alexandre Oliveira Gomes e João Paulo Vieira Neto.- Fortaleza: SECULT, 2009.
263p.

ISBN 978 - 85 - 7563 - 439 - 4

1. Índios- Museu 2. Memória indígena - cearense 3. Museu étnico

I. Gomes, Alexandre Oliveira II. Vieira Neto, João Paulo
III. Título

CDD: 980

SUMÁRIO

Apresentação. <i>Cristina Holanda</i>	9
Prefácio. <i>Manuelina Duarte Cândido</i>	11
Introdução	15
1. A construção das memórias indígenas no Ceará	23
1.1 Museus e memória indígena	23
1.1.1 O contexto local	27
1.1.2 Museus e antropologia	32
1.1.3 A descoberta dos museus pelos índios	36
1.1.4 Museus indígenas no Ceará contemporâneo	38
1.2 Educação histórica e museológica em comunidades indígenas	46
1.3 Diagnóstico participativo e estruturação museológica	49
1.3.1 Construindo o diagnóstico participativo	51
2. Propostas de estruturação museológica	53
2.1 Sobre os espaços constitutivos, serviços e infraestrutura	53
2.2 Salvaguarda	54
2.2.1 Coleta de objetos	54
2.2.2 Documentação do acervo	54
2.2.3 Organização da reserva técnica	57
2.3 Gestão museológica	57
2.3.1 Vincular o museu a uma tutela administrativa	58
2.3.2 Implementação do plano museológico	59
2.3.3 Equipe de manutenção	59

2.3.4	Filiação aos sistemas de museus	60
2.3.5	Participação em editais	61
2.4	Comunicação.....	61
2.4.1	Núcleo educativo	62
2.4.2	Organização das exposições.....	63
2.4.3	Capacitação do quadro funcional.....	63
2.4.4	Pesquisas sobre a história local.....	64
2.4.5	Plano de divulgação	65
2.4.6	Criação de centros de documentação indígena	66
2.5	Infra-estrutura	67
2.5.1	Definir a sede do museu.....	67
2.5.2	Reestruturação física.....	68
2.5.3	Projeto de iluminação	68
3.	Museus e centros culturais indígenas no Ceará	71
3.1	Memorial Tapeba Cacique Perna-de-Pau.....	71
3.1.1	Salvaguarda.....	76
3.1.2	Gestão museológica	76
3.1.3	Comunicação.....	77
3.1.4	Infraestrutura.....	81
3.2	Museu dos Kanindé.....	91
3.2.1	Salvaguarda.....	97
3.2.2	Gestão museológica	98
3.2.3	Comunicação.....	100
3.2.4	Infraestrutura.....	103
3.3	Oca da Memória de Poranga.....	113
3.3.1	Salvaguarda.....	116
3.3.2	Gestão museológica	117

3.3.3 Comunicação.....	118
3.3.4 Infraestrutura.....	121
3.4 Museu Potigatatu	133
3.4.1 Salvaguarda.....	137
3.4.2 Gestão museológica	138
3.4.3 Comunicação.....	139
3.4.4 Infraestrutura.....	141
3.5 Museu dos Pitaguary de Monguba	149
3.5.1 Salvaguarda.....	154
3.5.2 Gestão museológica	155
3.5.3 Comunicação.....	157
3.5.4 Infraestrutura.....	159
3.6 Escola Maria Venância Tremembé.....	167
3.6.1 Salvaguarda.....	170
3.6.2 Gestão museológica	172
3.6.3 Comunicação.....	174
3.6.4 Infraestrutura.....	176
CONSIDERAÇÕES FINAIS. <i>Quem deu esse nó, não soube dar</i>	187
NOTAS	193
BIBLIOGRAFIA	197
ANEXOS	205
Anexo 1: Documento do seminário Emergência Étnica. <i>Políticas públicas para o patrimônio, a memória e os museus dos grupos étnicos e tradicionais do Ceará</i>	205
Anexo 2: Estatuto de Museus	233
Anexo 3: Ficha de inventário do Museu do Ceará.....	259

APRESENTAÇÃO

O livro *Museus e memória indígena no Ceará: uma proposta em construção* é fruto do Projeto Emergência Étnica¹, elaborado e executado pela Secretaria de Cultura do Estado (SECULT) em convênio com o IMOPEC (Instituto da Memória do Povo Cearense), sob a supervisão do Museu do Ceará, no primeiro semestre de 2009.

Uma das ações previstas no referido projeto foi a realização dos diagnósticos participativos nos museus e centros culturais indígenas existentes do Ceará, sob a coordenação dos historiadores Alexandre Oliveira Gomes e João Paulo Vieira Neto, por meio de oficinas de 16 horas-aula, envolvendo vários adultos e jovens de cada comunidade visitada. Os resultados dessa ação foram divulgados no Seminário Emergência Étnica, evento que agregou 120 lideranças dos movimentos indígena, negro e quilombola do Ceará, nos dias 15 a 17 de maio, no Condomínio Espiritual Uirapuru (CEU), em Fortaleza. Agora, com essa publicação, que contou com a colaboração técnica de Manuelina Duarte Cândido, doutoranda em Museologia pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, um público maior terá acesso aos produtos desse trabalho.

As demandas por museus em comunidades étnicas e tradicionais em nosso Estado foram sentidas pela SECULT a partir em 2007, em meio aos debates da Constituinte Cultural, um modelo de consulta pública que procurou revisar o

capítulo VIII da Constituição do Ceará, dedicado à cultura, mas também elaborar o Plano Plurianual da Política Cultural, que estabelece as diretrizes para o Plano Estadual da Cultura. Nesse sentido, o Projeto Emergência Étnica e todos os seus desdobramentos - como o seminário homônimo, os livros organizados em torno do evento, a elaboração do documento *Políticas públicas para o patrimônio, a memória e os museus dos grupos étnicos e tradicionais do Ceará* e os diagnósticos participativos ora publicados – configuram-se como instrumentos que procuram ampliar o diálogo entre o governo do Ceará e a sociedade civil organizada. Colocam-se ainda como um ponto de partida para a construção de museus comunitários não apenas entre os indígenas, mas entre outros grupos étnicos e tradicionais no Ceará.

Cristina Rodrigues Holanda
Diretora do Museu do Ceará
Gerente Executiva do Sistema Estadual de Museus do Ceará

PREFÁCIO

Este trabalho que tenho a honra de apresentar é a primeira iniciativa de fôlego, no Ceará, sobre a questão da musealização das memórias indígenas. Além de apresentar e refletir sobre as experiências, cabe a ele partilhar a metodologia e as análises sobre o seu processo de elaboração.

Segundo Varine (2009), “o desenvolvimento local ‘sustentável’, enquanto processo dinâmico de transformação da sociedade e do meio, assenta em grande parte na participação activa e criativa das comunidades locais. Sem essa participação, teremos apenas uma mera execução de programas tecnocráticos, cuja eficácia depende da combinação conjuntural e efêmera de uma vontade política e da disponibilidade de meios financeiros e humanos”.

O diagnóstico museológico, passo fundamental para qualificação dos processos de musealização, deve ser realizado tanto para a verificação de potencialidades e desafios de um museu já existente como para a criação de um novo, sendo que neste caso avaliamos as potencialidades e desafios de um patrimônio ainda não musealizado. Cabe esclarecer que nossa compreensão de musealização e de museu abrange processos relacionados à administração da memória e à aplicação de procedimentos técnicos e metodológicos visando à apropriação desse patrimônio pela sociedade (BRUNO, 1996), seja isto realizado ou não fora do âmbito das instituições.

O *Projeto Historiando*, coordenado por Alexandre Oliveira Gomes e João Paulo Vieira Neto, vem realizando estas experiências de musealização com nome de “projetos de memória” desde 2002. Despretensiosamente, realizou importantes intervenções na relação entre comunidades cearenses e seu patrimônio, que devem ser analisadas como processos de musealização, ou seja, de projeção no tempo, em perspectiva processual e com visibilidade social, de fenômenos que têm origem no “fato museal”: a relação entre o **homem** e o **objeto** em um **cenário** (RUSSIO, 1981). Este trabalho foi feito a partir de um olhar de historiadores que, se por um lado buscavam atender aos “desejos de memória” (GONDAR, 2000) de diferentes comunidades, partilhando um conhecimento acumulado nos anos de atuação como técnicos do Museu do Ceará, possibilitando às iniciativas comunitárias adaptação às novas exigências do Estatuto de Museus, por outro lado assumia partir de um campo do conhecimento específico: a História.

Evidentemente que a memória, campo interdisciplinar por excelência, levou os autores a dialogar com outras áreas do conhecimento e o texto demonstra esta familiaridade com o aparato teórico-conceitual de áreas como a Antropologia e a Museologia. Mas fica evidente a conexão com o pensamento da História sobre os silenciamentos e os processos de construção da memória e das identidades étnicas. Volto a Varine para explicitar a amplitude da noção de museu aqui adotada: “Tudo o que existe, com duas ou três dimensões, sobre o território e no seio da comunidade, pode ser utilizado para a educação popular, para a observação, o conhecimento

do meio, a análise, a aprendizagem, o consumo, o controle da técnica, a identidade, o conhecimento do passado. A sua principal qualidade é ser uma realidade tangível que multiplica a sua virtude pedagógica” (VARINE, 2009). No mesmo texto, o autor aponta inventários e exposições participativas como meios para recriar as identidades locais e identificar pessoas-recurso, agentes do desenvolvimento.

É buscando, nas palavras dos próprios autores deste livro, potencializar estas experiências de memória identificadas, que eles recorrem ao aporte da Museologia e o compartilham com os grupos indígenas por meio de oficinas de ação educativa museológica. Comprovam na prática o efeito da educação popular como qualificadora dos projetos ligados à memória e à preservação e construção das identidades. Também experienciam uma premissa de que a Museologia tem uma faceta a ser compartilhada com as comunidades, para que elas mesmas possam assumir a liderança dos processos de musealização. Neste sentido, outros trabalhos de musealização junto às comunidades indígenas têm sido desenvolvidos (vide VIDAL, 2008) e devem ser fortalecidos como estratégia. Para isto, são fundamentais publicações como esta, que ampliam o âmbito de divulgação das experiências e permitem iniciar um rico diálogo entre propostas afins.

Goiânia, setembro de 2009

Manuelina Maria Duarte Cândido
Profª. do Depto. de Museologia da UFGO



EXPRESSÃO
GRÁFICA

Rua João Cordeiro, 1285
(85) 3253.2222 • Fortaleza-CE
www.expressoografica.com.br

FILIADA À CÂMARA BRASILEIRA DO LIVRO

